

## A INFLUÊNCIA DA PÓS-MODERNIDADE NO ÂMBITO DA LITERATURA CLÁSSICA NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Karla Haydê Santos Oliveira da Fonseca  
*Mestranda em Educação*  
*Universidade do Minho-Portugal*  
[karlahayde@yahoo.com.br](mailto:karlahayde@yahoo.com.br)

Análise histórica e filosófica do Pós-modernismo em relação à literatura, buscando caracterizá-lo, defini-lo e apresentar seus principais defensores – Nietzsche, Heidegger, Foucault, Derrida, Lyotard, Jameson, Vattimo, Linda Hutcheon, Ariano Suassuna, Flavio Kothe e Silviano Santiago - e críticos – Harold Bloom, Ítalo Calvino, Ana Maria Machado, Leyla Perrone, Nélia Martins e Olavo de Carvalho. A Pós-Modernidade opondo-se a tradição clássica. Demonstra a importância da adoção das obras de tradição nas bibliotecas e o estímulo à leitura dos clássicos universais para a formação humanista de leitores infanto-juvenis.

**Palavras-Chave:** Pós-Modernismo. Literatura Clássica. Biblioteca.

### 1. INTRODUÇÃO

É um fato comprovado que o mundo moderno exige do ser humano um ritmo de vida intenso e acelerado, além da sua capacidade em segui-lo. As informações estão cada vez mais velozes. A esse respeito Sousa e Zakabi (2004, p.70) comentam: “O bombardeio informacional é alarmante. Mas informação se mede em qualidade e não em quantidade”.

A informação é passada em maior volume pela mídia. Opondo-se a isso, faz-se necessário o descarte do “lixo informacional” e o resgate das obras bem escritas que passam para a posteridade e tornam-se fonte de conhecimento e sabedoria - os chamados clássicos universais. Esses autores são verdadeiros artistas, pregam a língua culta com estilo e cuidado, organizam bem seus pensamentos e põem em foco os principais conflitos e angústias da existência humana. Neste sentido, a literatura é um baú inesgotável de assuntos para as pessoas compreenderem melhor a si e ao mundo.

Por conseguinte, os estudiosos Lyotard, Foucault e Derrida passaram a denominar de Pós-moderno as mudanças trazidas pelo século XX, que rompem seus vínculos com o passado e a tradição, prevalecendo outros valores estéticos em relação aos literários clássicos. Nossos julgamentos acerca dos valores se tornam cada vez mais desprovidos de critérios unânimes e cordatos. Rodrigues (2003, p.8) comenta,

[...] que muito mais que avanços tecnológicos, a sociedade precisa é de avanços na mentalidade. Nenhum povo pode se dar ao luxo de esquecer seu passado e pôr a perder parte de sua história. Aceitar nossas raízes não implica a destruição do que temos sido; pelo contrário, são de idas e vindas entre o tradicional e o moderno que enriquecem a nossa existência. Para que isso aconteça precisamos encarar o fato de que somos hoje o passado do que fomos e o futuro do que seremos.

Assim, diante dessa situação crescente de insegurança e horizontes confusos, faz-se necessário buscar-se ou reafirmar-se o contato com a sabedoria. Contudo onde encontrá-lo senão através da leitura dos clássicos universais? A leitura de qualidade “proporciona o crescimento pessoal, estimula o raciocínio e contribui para a longevidade” (Sousa & Zakabi, 2004, p.71). Neste sentido, toda leitura e escrita tomam como referência as obras anteriores. Portanto, não podemos esquecer as obras da tradição em detrimento das atuais.

Nesta perspectiva, de ressaltar a importância dos clássicos universais nas bibliotecas, o trabalho em questão, ressalva o contributo de sua leitura para o público infanto-juvenil. Com relação à metodologia, a base deste trabalho se pautou por uma pesquisa de caráter explanatório documental de autores e pesquisadores, a fim de conhecer a literatura existente na área para a elaboração do referencial teórico sobre o assunto tratado.

## **2 A PÓS-MODERNIDADE NO ÂMBITO DA LITERATURA**

O conceito de Pós-Modernismo se abre num leque de indagações acerca do conhecimento humano. Renega todo o passado, incluindo a verdade, a lógica, a racionalidade e a ciência. “É um conceito frágil, impreciso, paradoxal – o que é reconhecido por todos os teóricos do pós-moderno, sejam eles contra ou a favor” (Perrone, 1998, p.179). Sendo inúmeras as áreas na qual o mesmo tem se infiltrado, torna-se difícil assumir uma delimitação segura e precisa do assunto. Nascido nos Estados Unidos, no âmbito da Sociologia, foi aceito posteriormente na arquitetura - colocando-se como reação à busca da universalidade e racionalidade, propondo a isso voltar ao passado através de materiais, formas e valores simbólicos ligados a cultura local - e nas artes plásticas, passando rapidamente para o campo literário.

A definição da Pós-modernidade varia de autor para autor. Segundo Santaella (1994, p.34), “[...] cada país possui uma versão sobre pós-modernismo, uma

versão que lhe é própria conforme o perfil que teve no modernismo, tais como características ideológicas e políticas”.

Assim, os estudos realizados a respeito do Pós-Modernismo ainda não resolveram as várias e inúmeras divergências geradas em torno do assunto. As contradições e dificuldades conceituais começam com o uso do prefixo *pos*. Do ponto de vista da história, a Pós-Modernidade, como parece indicar a partícula *pos*, seria o movimento estético que veio depois da Modernidade e a ela se opõe.

Os críticos literários Sokal e Bricmont (1999, p.13) definem o termo da seguinte forma:

Uma corrente intelectual caracterizada pela rejeição mais ou menos explícita da tradição racionalista do Iluminismo, por discursos teóricos desconectados de qualquer teste empírico, e por um relativismo cognitivo e cultural que encara a ciência como nada mais que uma “narração”, um “mito” ou uma construção social entre muitas outras.

O Pós-moderno privilegia a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural, assim, “a fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais é o marco do pensamento pós-moderno” (Harvey, 1993, p.19). Diante desse contexto, onde a heterogeneidade é marcante e os instrumentos necessários para a análise do processo ainda são imprecisos, podemos dizer que:

[...] uma das características mais marcantes do pós-modernismo é o modo pelo qual, nesse período, inúmeras análises de tendências, até aqui de natureza diferentes – visões econômicas, estudos de marketing, críticas de culturas, novas terapias contra as drogas e a permissividade, críticas de mostras de arte ou de festivais de cinema nacional, cultos ou revivals religiosos – se aglutinaram todos para formar um novo gênero discursivo, a que podemos muito bem denominar de “teoria do pós-modernismo”. E isso, por si só, já é um fato digno de nota (Jameson, 1997, p.21).

A vida na Pós-modernidade, por conseguinte, não apenas envolve uma implacável transformação com todas e quaisquer condições históricas precedentes, como também, é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas. O próprio Lyotard (*apud* Perrone 1986, p.180), um dos primeiros a teorizar a Pós-Modernidade, caracteriza historicamente como “o estado da cultura depois das transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do fim do século XIX”. Neste sentido, ao fazer uma avaliação na literatura “não se julga a partir de critérios, mas, ao julgar, criam-se critérios” (Perrone, 1998, p.16).

Consequentemente, os pensadores (escritores, críticos literários) pós-modernos ao se oporem aos códigos que orientam a produção literária clássica – código moral (o Bem), o código estético (o Belo), código de gêneros (determinados pela expectativa social), de estilo (orientado pelo gosto), código canônico (a tradição concebida como conjunto de modelos a transcrever) – buscam estabelecer princípios e valores próprios como a desistência da unidade, da homogeneidade, da totalidade, da continuidade histórica e das metanarrativas, impedindo qualquer julgamento estético, tornando impossível à crítica literária.

## **2.1 História do Pós-Modernismo**

Em toda evolução da arte ocidental, o século XX foi o que produziu a maior ruptura com o passado. A arte do século XX não apenas decretou que qualquer tema ou assunto era adequado, como também libertou a forma de regras tradicionais. As inúmeras invenções e descobertas mudaram profundamente os hábitos de vida da Humanidade. A esse respeito, Tufano (1998, p. 12) afirma:

A arte vinha passando por grandes transformações. A ruptura com o passado e a pesquisa de novas formas de expressão caracteriza a arte no início do século XX, que nasce sob o signo da irreverência, da polêmica, do escândalo e da experimentação.

Nessa busca de rejeição ao passado, cada artista desenvolve sua própria concepção de arte, num individualismo que será a marca do tempo que inicia as tendências contemporâneas. Surge, assim, o Pós-Modernismo.

Considerado como um “movimento” estético e filosófico, a Pós-Modernidade começa segundo Vattimo (1998), no fim do século XIX com Nietzsche. Para Lyotard, começa no fim dos anos 50; Para Jameson, nos anos 60; Para Harvey, entre 1968 e 1972. No século XX com Martin Heidegger, foi uma figura que contribuiu muito com o movimento pós-moderno. No entanto há um consenso entre eles - ela teria se iniciado após a Segunda Guerra Mundial, mais precisamente na arquitetura, passando em seguida às artes plásticas, e cresceu ao entrar na filosofia - como crítica ao mundo ocidental. Alastra-se na moda, no cinema, na música e na literatura.

Logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando as grandes potências retomaram a busca pelo progresso e pela superação técnica, houve uma corrida

desenfreada pela emancipação humana, social e tecnológica. O domínio do conhecimento, que viria a ser o Pós-Modernismo, caracterizou-se por uma profunda modificação na própria natureza das ciências, sob a influência da evolução tecnológica. Assim, entende-se por Pós-Moderno o estado da cultura posterior às transformações ocorridas no século XX, nas sociedades que atingiram os critérios da verdade e que regulava o fazer científico, filosófico e artístico na modernidade.

O Pós-Modernismo invadiu o dia a dia da população com a tecnologia de massa e individual, visando sua saturação com informações e diversões. Enfim, ameaça encarnar hoje estilos de vida e de filosofia, nos quais almeja uma idéia tida como arqui-sinistra: o niilismo, o nada, o vazio, a ausência de valores e de sentido para a vida.

Tanto para Jameson (1985) quanto para Vattimo (1989), os meios de comunicação de massa, o conhecimento deles nos anos 60, foram o início desse novo tempo, criando o que Vattimo (1989, p.56) chama de “sociedade dos *mass media* ou de comunicação generalizada”. Partindo desse princípio Aranha e Martins (1993, p.367), diz: “tudo vale dentro do pós - tudo”. Não existe mais o unitário: a história não é mais vista pela ótica de um único grupo, mas de vários grupos, que surgiram a partir desses *mass media*.

### **3 A LITERATURA ATUAL E A PÓS-MODERNIDADE**

O século XX trouxe grandes transformações. A Pós-modernidade julga romper com a tradição, trazendo aos valores literários a perda de sua importância. Sinais nessa direção é a época em que vivemos, onde a rapidez das informações, das imagens televisivas e da internet nos leva à desordenação dos sentidos.

Nesse ambiente de mudanças, a informação se torna necessária. Mas, não precisaríamos nesse ambiente de excesso informacional muito mais de qualidade? Ou seja, não precisaríamos daquilo que o crítico norte-americano Bloom (2001, p.15) denomina por sabedoria: “A informação está cada vez mais ao nosso alcance, mas a sabedoria, que é o tipo mais precioso de conhecimento, essa só pode ser encontrada nos grandes autores de literatura”.

Castro (2002, p.7), compartilha da mesma vertente quando afirma:

A informação se multiplica mais rapidamente do que nunca. Diz-se que em certas áreas um técnico estará desatualizado em poucos meses. Para

acompanhar essas mudanças, a velocidade do novo ensino baseado em tecnologias digitais é de particular interesse. Mas a **formação** – em contraste com a informação – não tem tal velocidade de mudança. Podemos arrumar nossa cabeça brilhantemente lendo os clássicos da literatura. E sem essa formação sólida que vem antes, a **informação**, nova ou velha, cai em águas pantanosas. Um bom engenheiro desatualizado é infinitamente melhor do que um mau engenheiro que nunca ouviu falar na última tecnologia. O primeiro fará um rápido cursinho de atualização e estará tinindo de bom. O outro é insalvável (grifo nosso).

Lêem-se hoje muito mais revistas e jornais do que livros. A informação, assim, é repassada necessariamente pelos meios de comunicação, o desinteresse pela leitura é um acontecimento internacional reconhecido, pois “leitura exige tempo, atenção, concentração, luxos ou esforços que não condizem com a vida atual (Perrone, 1998, p.178). Portanto, para competir com os meios de comunicação de massa, os livros deveriam ter, segundo os teóricos do Pós-Modernismo, mais atrativos lúdicos, auditivos e visuais do que aqueles encobertos pelas letras. No entanto, o livro não perde desse modo, a sua função primordial, que é o desenvolvimento e o exercício da atividade cognitiva do indivíduo?

Os próprios escritores passam a publicar livros que sejam facilmente adaptáveis ao cinema e a televisão. Ora, os bons livros são intraduzíveis à linguagem do cinema e da televisão, pois são repletos de situações feitas de conceitos a que somente as palavras remetem. Aquilo que Bloom denomina “sabedoria” provém justamente da ordenação desses conceitos na mente do leitor, a percepção da grandeza dos mesmos, o que requer a solidão do leitor diante das palavras.

A televisão e o cinema, com algumas exceções, por ter de mostrar a palavra “vívida” representaria aquilo que denomino “*desterro da abstração*”, ou seja, um “*estado morno da cognição*”.

Os novos escritores, afinados com os hábitos alimentícios deste fim de século, publicam livros light para serem consumidos rapidamente. Na falta de idéias novas, muitos deles voltam a um classicismo acadêmico; glosam, citam, pasticham textos de escritores do passado; outros imitam as formas da mídia adotam temas de impacto e um estilo rápido e seco, concorrendo com as páginas policiais dos jornais ou, melhor, com os noticiários “aqui e agora” (Perrone, 1998, p.178).

Essa falta de “*ambição*” pela qualidade literária é observada em todos os países onde a literatura já foi uma atividade cultural importante. Esta passa a ser simplória e sem regras, características ímpares da pós-modernidade. Assim, a divulgação e difusão dos livros passam, atualmente, menos pelos críticos literários

(esses quase inexistentes) e professores universitários do que pelos agentes literários responsáveis pela venda e marketing. A literatura não interessa mais como ela mesma, o que interessa é a literatura como depositária da memória cultural, como colonizadora ou descolonizadora, como expressão das diferenças sexuais, como ideologia etc. Enfim, “como um instrumento banal de proliferação de ideologias” (Perrone, 1998, p.145).

Essa situação atual dos estudos literários dá-se, principalmente, pelos professores de literatura “politicamente corretos”, que fazem suas análises e escolha de textos mediante critérios de “raça”, “gênero” e “classe”. Wilson Martins (2003, p.4), um dos últimos críticos literários da atualidade, é enfático quando afirma: “como crítico, jamais me interessei em ver se o autor é **esquerdista, direitista, feminista, anti-racista, anti-semítico**. O que me interessa é a **obra**” (grifo nosso).

Atualmente há uma variante no ensino de literatura, podendo-se ver sinais de certas tendências. Na França, na Inglaterra e na Alemanha mantêm-se ainda os departamentos de Literatura Nacional, conforme modelo implantado no século XIX. A situação atual na França é a mais surpreendente. Em algumas instituições se conservam formas tradicionais de especialização disciplinar, de currículos e métodos. Contraditoriamente, foram os teóricos franceses pós-estruturalistas da década de 60 e 70 (Foucault, Derrida, Barthes, Lyotard) que, ao serem lidos, alastraram os ideais da Pós-Modernidade, causando as transformações que ocorrem nos Estados Unidos e se difundem aos outros países.

No Brasil, entre a influência européia e norte-americana é esta última que prevalece. Ainda que se mantenham, em muitas instituições e universidades, os departamentos de teoria literária, o multiculturalismo, o pós-colonialismo, o sexismo e outras tendências ou modismos voltadas para a particularidade aparecem como novos conteúdos de programas, de monografias, de teses ou como disciplinas optativas.

Observa-se, portanto, a influência da pós-modernidade na literatura. De fato, esta não parece inofensiva à “literatura”, tal como era até o início do século XX, quando a literatura tinha a vontade de conhecer e de inventar em prol do homem e, conseqüentemente, da humanidade.

### **3.1 Os defensores do Pós-Modernismo e os seus críticos**

Para compreendermos melhor a literatura contemporânea fizemos uma seleção entre escritores pós-modernos e observamos suas posições e comentários em



relação à Literatura. Embora saibamos que há muitos teóricos do Pós-modernismo, nos reportaremos para a compreensão do tema, aos estrangeiros Gianni Vattimo, Linda Hutcheon e aos nacionais Ariano Suassuna, Flavio Kothe e Silviano Santiago. Em oposição a eles, enfatizaremos os pontos de vista dos estrangeiros Harold Bloom e Ítalo Calvino e dos nacionais Nélia Martins e Olavo de Carvalho.

Os escritores pós-moderno concebem a história da literatura não como uma progressão linear, mas como um espaço percorrível em todas as direções, perdendo com isso, a noção da história como um processo constituído de início, meio e fim. No campo das artes, recusam as instituições e valores estéticos estabelecidos. Esses escritores salientam e trabalham com valores ditos “pós-modernos”: a ironia, a polissemia, a forma aberta, a fragmentação, a colagem, o pastiche, o ecletismo, o niilismo etc. Em sua análise sobre o Pós-Modernismo Hutcheon (2000) afirma que a arte pós-moderna está engajada em premissas modernas da autonomia política e da crítica como atividades desprovidas de valores.

Neste sentido, é importante distinguir os vários traços do Pós-Modernismo, como afirma Vattimo (1989) que o fim da historicidade não apresenta nenhuma catástrofe. Assim, o Pós-Modernismo propõe o desaparecimento do sentido da história e a perda de sua capacidade em preservar o próprio passado e acrescenta como única possibilidade o abandono da metafísica.

A multiplicação das imagens provocaria a perda do “sentido da realidade”. Estamos vivendo num mundo de mercadorias e marketing, de imagens, dos *mass media*. O que é a perda do sentido da realidade para os *mass media*? Segundo Vattimo (1989, p.48):

É a retratação da realidade sem uma coordenação central, é a libertação das múltiplas visões de mundo, do individualismo, de tudo aquilo que se pode chamar de dialeto ou elementos locais, como: minorias étnicas, sexuais, religiosas, culturais ou estéticas que fragmentam o mundo e afirmam que não existe somente uma forma de humanidade.

Contudo, não cabe aqui levarmos em conta a afirmação da crítica Martins (1999, p.105) de que “o processo de libertação das diferenças não implica o abandono de regras, já que mesmo os dialetos têm gramática e sintaxe”.

Neste sentido, o Pós-Modernismo rompe com o passado onde os valores literários não têm mais importância, o que seria impossível a lembrança de outras obras



tradicionais e o conhecimento dos livros literários clássicos que compõem a literatura.

Como acrescenta Santiago (1989, p.31):

As obras de Sílvio Romero e José Veríssimo continuarão insubstituíveis para se saber o que pensava da sua literatura o Brasil de 1900. Mas quem os consultasse, hoje, como se fossem autoridades ficaria nutrido de teorias obsoletas e julgamentos errados. Nessa última função, isto é, para saber-se o que hoje pensamos da literatura brasileira, seria desejável que fossem **substituídos** por obra mais moderna. Depois da falência da estética dogmática, no fim do século XVIII, já não se acredita em valores imutáveis. Quase a última possibilidade de valorização é a comparativa: isto é, considerar e reconsiderar a literatura brasileira assim como o faria um estrangeiro suficientemente informado (grifo nosso).

Os teóricos do Pós-Modernismo afirmam que a linguagem não pode expressar verdades a respeito do mundo de um modo objetivo. Os valores do Pós-Modernismo não são pessoais, mas sociais, da cultura. O verdadeiro significado das palavras é parte de um sistema fechado de uma cultura. A linguagem humana não contém qualquer verdade absoluta, elas expressam idéias escorregadias e mutáveis. Assim, um texto não pode conter uma verdade absoluta, pois o sentido que o autor quis dar a ele não é importante, o importante é cada um interpretar de sua maneira.

Desta forma, a tradição e os clássicos não fazem parte do Pós-Modernismo, que aderem à desvinculação com o passado. Neste sentido é importante ressaltar as palavras de Marinetti (*apud* Santiago, 1989, p.49) em seu “manifesto futurista” em que pregava o incêndio de bibliotecas e museus para não deixar resquícios da história na Humanidade, o que seria uma perda lamentável para os profissionais bibliotecários, pesquisadores, professores, bibliófilos e leitores de modo geral.

Seguindo esse mesmo pensamento, Flavio Kothe enfatiza seu ressentimento contra instituições de ensino e qualquer tipo de cânone, inclusive as regras gramaticais da Norma Brasileira Gramatical - NBG. Para este autor (1997, p.247):

É impossível construir um cânone, pois sempre estaria submisso a uma ideologia, a saber, o sistema educacional, a Igreja Católica e a Academia Brasileira de Letras. [...] Só macaqueamos os outros e somos condescendentes com escritores que pecam por falta de fôlego e originalidade. O que se tem é uma luta pelo poder. A verdade dessa poética é a política; confere-se autoridade a certos autores, introduzindo-os e cultivando-os no cânone, para que legitimem as políticas vigentes a as autoridades que as exercem.

Embora não considere nenhum autor brasileiro um grande artista – todos menores, anões, aprendizes - seu principal alvo é Machado de Assis, onde ele relata:

Os personagens masculinos e femininos de Machado de Assis não têm grandeza, seja ela épica, lírica, trágica ou cômica e, por isso, também não

operam nem transformam a sua mediocridade. [...] Só consegue produzir figuras medíocres, sejam elas homens ou mulheres, jovens ou velhos. Escreve como colunista social, que confunde beleza com riqueza, grandeza com posição, ser com ter, para acabar não tendo nem beleza nem grandeza e nem ser. É mulato e se fosse alemão seria visto claramente como racista; rejeitou sua mãe preta; foi conivente com o sistema. Kafka é grande; Machado, um anão (Kothe, 2000, p.156).

O referido autor faz apologia contra toda forma de preconceitos, mas defende contraditoriamente um modelo estrangeiro, em particular o alemão. Ele reivindica a incorporação na história das letras nacionais de textos escritos em alemão por imigrantes, como se o uso da língua portuguesa não fizesse parte de nossa cultura como elemento fundamental para a nossa identidade. Enfim, o autor faz bem o uso do pastiche, da metalinguagem, do método comparativo, de paráfrases, do trocadilho, cometendo anacronismo na avaliação das obras.

Suassuna (2000), nessa mesma perspectiva, faz uma análise do trecho da obra *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, e o acusa de racista por ter escrito:

No confronto do português com o índio a cultura mais avançada levava vantagem sobre a atrasada. [...] No Brasil as grandes plantações foram obra não do Estado colonizador, sempre sumítico em Portugal, mas de corajosa iniciativa particular. Esta é que trouxe os primeiros colonos sólidos, as primeiras mães de família, as primeiras sementes, os primeiros gados, os primeiros animais de transportes, instrumentos agrícolas, escravos africanos para o trabalho de eito e de bagaceira (Freire *apud* Suassuna, 2000, p.36).

Logo, Suassuna (2000) conclui afirmando que Freire considerava os índios incapazes e molengas. Portanto, todas as pessoas podem ter as suas próprias idéias com respeito ao texto lido. Ninguém pode reivindicar exclusividade de verdade na sua interpretação. Nesse sentido Carvalho (2000, p.38) comenta:

Um dos instrumentos mais perversos de que as tiranias se utilizam para reduzir o ser humano a uma escravidão abjeta é subtrair-lhes os meios de expressão, obrigando-o a usar uma linguagem uniforme na qual não possa articular sua experiência pessoal [...] Hoje, a mídia irradiam-se para toda a sociedade aquelas maneiras padronizadas de falar.

Assim, quando Ariano Suassuna tenta provar que Gilberto Freyre é racista, citando a observação dele de que quando os índios se defrontaram com os portugueses ‘princípios a degradação da raça atrasada ao contato da adiantada’, a citação passa a valer como prova contra aquelas pessoas que têm medo de serem agredidas ao se posicionarem a favor do acusado. No entanto, um breve exame nos basta para mostrar que Suassuna entendeu a frase ao contrário: se no confronto de duas raças a vitória é explicada pelos recursos tecnológicos de uma delas e não pela suposta inferioridade

biológica da outra, não há nisso racismo nenhum, mas há precisamente o contrário: a adesão patente de Gilberto Freyre às explicações histórico-culturais em oposição às raciais. Nesse sentido a linguagem vai perdendo suas funções mais elevadas e nobres. Como afirma Carvalho (2000, p.39):

A linguagem ideológica tem por finalidade impedir, bloquear essa desmontagem, conservar intacta e soberana a massa poderosa e obscura de ódios e temores no fundo de nós. É uma antilinguagem que faz o homem regredir da conversação inteligente aos grunhidos de paixão cega. Assim como existe a cura pela palavra, existe o adoecimento pela palavra. A linguagem ideológica adocece as nossas almas, tornando-as incapazes de compreender a nós mesmos e nosso próximo.

Portanto a literatura de qualidade entra em declínio. Houve um colapso geral da confiança no Iluminismo, no poder da razão para proporcionar os fundamentos para um conhecimento universalmente válido do mundo, incluindo Deus. A razão falha em libertar a moralidade correspondente ao mundo real no qual vivemos. E com este colapso da confiança nos critérios universais e necessários da verdade têm florescido o relativismo e o pluralismo. Neste sentido, Bloom (2002, p.7) compartilha da mesma visão quando afirma:

O ensino de literatura do mundo foi para o inferno. É dominado por ideólogos, por integrantes daquilo que eu chamo de “escola do ressentimento”. É gente comprometida com assuntos extraliterários, com mania de desconstruir e relativizar tudo. Eles não se importam com o valor estético. É o politicamente correto que interessa a eles. Se você tenta ser independente, se não adere a nenhum tipo de moda, se fala honestamente e emite opiniões próprias, se recusa ideologias, inevitavelmente será atacado.

O pluralismo intelectual e o relativismo estão bem presentes no Pós-Modernismo, evidenciando-se numa cultura que se ressentia da ausência de um passado que modelaram e fizeram à história de nossa civilização.

#### **4 A PRESENÇA DOS CLÁSSICOS NAS BIBLIOTECAS E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES INFANTO-JUVENIS**

Possuímos um enorme patrimônio de obras valiosíssimas que se acumulam com o passar dos séculos, são os chamados clássicos universais. Apesar dessa influência e do conhecimento incontestável a respeito deste “tesouro” não é ele, em nosso tempo, o modelo essencial utilizado como parâmetro de nossa civilização. Hoje, uma educação clássica é impensável. Os livros tradicionais foram relegados a um plano secundário, surgindo outras formas de literatura que se multiplicaram em meio as mais diversas

culturas. Resta-nos criar para cada um de nós uma biblioteca ideal de nossos clássicos.

A esse respeito Machado afirma (2003, p.12):

Não precisamos cair no extremo oposto, ou seja, o de achar que qualquer leitura dos clássicos perdeu o sentido e, portanto, deve ser abandonada nestes tempos de primazia da imagem e domínio das diferentes telas sobre a palavra impressa em papel.

A biblioteca não pode deixar de ser referência do conhecimento e da sabedoria. Para isso, devem-se incluir na sua coleção os clássicos da literatura, delegando a essa instituição e seus bibliotecários, como facilitadores do processo de leitura, a missão de formar bons leitores.

O dia de hoje pode ser banal e degradante, mas é sempre um ponto em que nos situamos para olhar para frente ou para trás. Como salienta Calvino (1993, p.9):

Para ler os clássicos, temos de definir “de onde” eles estão sendo lidos, caso contrário, tanto o livro quanto o leitor se perdem numa nuvem atemporal. Assim, o rendimento máximo da leitura dos clássicos advém para aquele que sabe alterná-la com a leitura de atualidades numa sábia dosagem. Talvez o ideal fosse captar a atualidade como o rumor do lado de fora, que nos adverte dos engarrafamentos do trânsito e das mudanças do tempo, enquanto acompanhamos o discurso dos clássicos, que soa claro e articulado no interior da casa.

Dessa forma, é suficiente que a maioria das pessoas perceba os clássicos como um eco distante, fora do ambiente invadido pelas notícias de cunho apenas informativas, passadas pela mídia. Quando lemos um clássico ele também nos lê, vai nos revelando a nossa história, o significado da vida, “é bom lermos esses autores clássicos porque eles ampliam nossa vida” Bloom (2001, p.21). Os clássicos nos oferecem o prazer de decifração, de exploração daquilo que nos parece difícil, e, por conseguinte, nos oferece obstáculos e nos atrai com intensidade.

Ao observarmos a origem dos chamados “clássicos” da literatura infantil, os Contos de Fada surgiram das histórias de tradição oral. São histórias contadas e recontadas oralmente que fazem parte da cultura e que são registradas na forma escrita. Esses contos são vítimas de dois sérios preconceitos. De um lado, os críticos e a academia não prestigiam, encarando-os como histórias infantis e, por isso, pouco importantes. De outro lado, inversamente, por serem vistos como trabalhos destituídos de nobreza literária, diz-se que podem ser escritos para as crianças. A este respeito Machado (2002) comenta: os “Contos de Fadas não foram escritos para as crianças. Sua universalidade e permanência atestam sua qualidade”. Esses preconceitos se explicam

por serem contos de criações populares, são artistas do povo, anônimos, diferentes de escritores que ganharam a fama e o reconhecimento.

A leitura dos clássicos infantis tem sua época marcante em meados do século XX, época chamada pelos estudiosos de “*A idade de Ouro*” da literatura infantil e sua finalidade era afastar as crianças dos perigos. Além disso, encontra-se em muitos contos a defesa de valores como a virtude, o trabalho e a esperteza. Assim, cada criança, particularmente, procurará no Conto de Fadas um significado diferente de acordo com as suas necessidades e interesses em cada fase de sua vida. Os Contos de Fadas falam de medos (Chapeuzinho Vermelho); de amor (A Pequena Sereia); da dificuldade de ser criança (Peter Pan); de carências (Joãozinho e Maria); de auto-descobertas (O Patinho Feio); de coragem, lealdade e honestidade (As aventuras de Pinóquio); de perdas e buscas (O Gato de Botas).

São livros marcantes por sua originalidade, riqueza de detalhes, recursos lingüísticos e por aqueles valores que consideramos inerentes aos clássicos, tais como o amor a si mesmo e ao próximo, o interesse pela cultura, sensibilidade ao belo, conquista da liberdade, respeito à vida, enfim, aquilo que denominamos por sabedoria.

São livros que conseguem ser eternos e sempre novos. Mas que, ao serem lidos no começo da vida, são fruídos de uma maneira muito especial, por que a juventude comunica o ato de ler, como qualquer outra experiência, um sabor e uma importância particulares, ou seja, não há razão para deixar de ler os clássicos desde cedo (Machado, 2002, p.24).

A todo instante o ser humano é obrigado a fazer escolhas. Já que temos o poder de decisão, por que perder tempo com livros de qualidades estéticas suspeitas? Não devemos desperdiçar nossas forças, lendo de modo errático e desavisado. “(...) Temos dentro de nós um demônio que sussurra em nossos ouvidos – gosto, detesto – e somos incapazes de silenciá-lo” (Bloom, 2001, p.16).

Nesta mesma linha de raciocínio Machado (2002, p.19) acrescenta que os livros “devem ser de boa qualidade, porque já que há tanta coisa atraente no mundo e tão pouco tempo para tudo, não devemos desperdiçar nossas vidas com bobagens”.

Concordamos com Calvino (1993, p.11) quando este diz que os clássicos são aqueles livros que “chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si, os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram”. É o que Machado (2002) chama de memória de outras experiências.

Uma maneira de apresentar às crianças essas histórias, num primeiro encontro, é através da leitura em conjunto. Os pais devem compartilhar desse momento de conhecimento e sabedoria junto com seus filhos para, em seguida, dar-lhe o livro. É importante ressaltar que para crianças que estão começando a ler as adaptações é uma boa opção, o que pouco se justifica no caso de adolescentes, pois esses possuem desenvolvimento e maturação suficiente para compreensão do original. Embora, nem todos os escritores ou especialistas aconselhem a sua utilização, pois a obra é alterada no tamanho e nos recursos lingüísticos. Os clássicos destinados aos adultos são mais respeitados, o contrário ocorre com as obras infantis que são bastante adulterados.

Portanto, não existem justificativas para não ler os clássicos desde cedo. Estão à nossa disposição na biblioteca, com toda a riqueza de seu acervo, à espera de novos leitores. Dispensá-los por ignorância trará a esses leitores um grande dano, uma ausência das histórias anteriores que fizeram e fazem parte de nossas vidas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um tipo diferente de transformação afetou as sociedades modernas no final do século XX, fragmentando as paisagens culturais, de classe, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade, mudando nossas identidades pessoais e abalando a idéia que temos de nós mesmos como sujeitos integrados. O aparecimento da Pós-Modernidade está estreitamente relacionado com o surgimento dessa nova fase do capitalismo, do consumo e da evolução mundial a partir da globalização, trazendo consigo as tecnologias e as informações em tempo real. Entretanto, traz um tema grave: o “**desaparecimento do sentido da história, a perda de sua capacidade em preservar o próprio passado**”. (Martins, 1999, p.103, grifo nosso).

Assim, os teóricos da Pós-modernidade, vivem num presente eterno, aniquilando tradições que outrora eram preservadas. Por outro lado, os críticos da pós-modernidade nos fazem avaliar o novo momento e enxergar um lado positivo nas obras dos novos autores. Eles puseram em xeque as autoridades opressoras, abriram caminho para novas formas de escrita, para as literaturas emergentes e não canônicas. Mas essas propostas mal compreendidas trazem efeitos devastadores na criação, na crítica e na

literatura: a abolição de critérios estéticos, a criatividade espontânea, como dispensa de qualquer competência ou formação, irresponsabilidade autoral, e ruptura da tradição. Esses traços ditos pós-modernos ameaçam a estética, o cânone e a crítica literária (Perrone, 1998, p.214). Se houve erros na história não cabe corrigi-los por meio da literatura, excluindo do cânone um Dante ou um Shakespeare e colocando em seu lugar alguma mulher medieval que por acaso tenha conseguido escrever algumas pobres letras. Longe de ser um ato justo de reparação, soa como uma atitude de ressentimento.

O século XX e XXI trouxe mudanças significativas - aumento de pessoas alfabetizadas, tanto em números absolutos como em termos percentuais; nos catálogos de editoras, nas listas dos mais vendidos, e nas distribuições de prêmios, já se torna visível tais mudanças como, por exemplo, autores de várias nacionalidades - latino-americanos, indianos, africanos, paquistaneses, árabes - que são facilmente encontrados em nossas livrarias; o crescimento de mulheres escritoras; aparecimento de autores vindos de classes sociais que antes não tinham acesso à educação. Provavelmente um novo cânone irá congrega essa contribuição, “as substituições virão naturalmente, pela prática leitora crescente de novas camadas da população alfabetizada” (Machado, 2002, p.134).

Os pressupostos do cânone ocidental são a universalidade, a hierarquia de valores e de indivíduos que os possuem e a durabilidade. Os defensores da Pós-modernidade que desejam modificar o cânone ocidental propõem abolição do mesmo, para o desejo de refazê-lo a seu gosto e nele incluir os então excluídos. O que devemos entender é que o cânone ocidental é parte importante de nosso patrimônio cultural, inerente à nossa memória. Não é apelando para posições que denotam apenas ressentimentos que iremos descartá-lo, suprimindo de nossas crianças e jovens o direito à liberdade de avaliá-lo e de conhecê-lo. O fato de alguns críticos e escritores não gostarem de nossa história, por considerá-la logocêntrica, machista e colonialista não lhes dá o direito de desvalorizar e desprezar o cânone ocidental. Este, por seu próprio valor, segue seu caminho. Enquanto houver leitores que se sensibilizam com Hamlet, Dom Quixote, Brás Cubas, o que devemos fazer é contribuir para que esse caminho seja seguido por um número crescente de novos leitores.

Diante do exposto, nos leva a interrogar: *Estará a literatura entrando no desaparecimento e a biblioteca clássica ameaçada de despejo?* Nesta perspectiva, Perrone (1998, p.215) acredita na permanência dos clássicos para além de todas as



transformações “a literatura ainda tem futuro, a biblioteca ainda não foi destruída. E nós leitores e escritores, aqui estamos para ler, eleger e prosseguir”.

Assim, os livros sempre estarão nas bibliotecas à espera de novos leitores, oferecendo a ampliação do imaginário, o conhecimento de si e do outro, a capacidade de expressão e compreensão, a tolerância afetiva e a visão crítica da realidade, virtudes que só o encontro com a escrita de qualidade. Portanto, merece respeito e destaque, a inclusão de obras clássicas em todas as bibliotecas, a fim de que a disseminação do conhecimento e da sabedoria contribua para a formação humanista de futuros leitores.

### **THE INFLUENCE OF POST-MODERNITY IN THE CLASSICAL LITERATURE IN THE FORMATION OF READERS**

**ABSTRACT:** Historical and philosophical analysis of the Post-modernism in relation to the literature, looking for to characterize, to define and to present your defensive - Nietzsche, Heidegger, Foucault, Derrida, Lyotard, Jameson, Vattimo, Linda Hutcheon, Ariano Suassuna, Flavio Kothe e Silviano Santiago and critical principal - Harold Bloom, Ítalo Calvino, Ana Maria Machado, Leyla Perrone, Nélia Martins e Olavo de Carvalho. The Post-modernity being opposed the classic tradition. It demonstrates the importance of the adoption of the tradition works in the libraries and the incentive to the universal classic reading for the formation humanist of infant-juvenile readers.

**Keywords:** Post-modernism. Classic Literature. Library.

### **REFERÊNCIAS**

Aranha, Maria Lucia de Arruda; Martins, Maria Helena Pires (1993). *Filosofando: introdução à filosofia*. 2.ed. São Paulo: moderna.

Bloom, Harold (2001). *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 275p.

\_\_\_\_\_. Harold (2002). Leio, logo existo. *Revista Veja*, São Paulo, nº. 101, jan. p. 6-11.

Calvino, Ítalo (1993). *Por que ler os clássicos*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 279p.

Carvalho, Olavo de (2000). Preconceito da moda. *Revista Bravo*, São Paulo, nº 35, ago, p.37-39.

Castro, Cláudio de Moura (2002). O que importa é a sala de aula. *Revista Ensino Superior*, v. 4, n. 42, p.3-7, maio, p.3-7.

- Harvey, David (1993). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.
- Hutcheon, Linda (1991). *A poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago.
- Jameson, Frederic (1997). *Pós-modernismo: A lógica do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática.
- Kothe, Flávio R. (1997). *O cânone colonial*. Brasília: UNB, 416p.
- \_\_\_\_\_. Flávio R. (2000). *O cânone imperial*. Brasília: UNB, 608p.
- Machado, Ana Maria (2002). *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 145p.
- Martins, Nélia de Almeida (1999). Afinal que é a pós-modernidade? O pensamento de Jameson e Vattimo. *Movendo Idéias*, Belém, n.º. 6, dez. p.98-105.
- Martins, Wilson (2002). O último herdeiro. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 ago. p. 4.
- Perrone, Leyla Moisés (1998). *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das letras, 238p.
- Rodrigues, Paula Andréa (2003). A vida entre a empresa, a profissão e a família. *Revista Contexto*. Belém: UNAMA.
- Santaella, Lúcia (1994). Pós-Modernismo e Semiótica. In: Chalhub, Samira (org.). *Pós-modernismo & Semiótica, Cultura, Literatura, Artes Plásticas*. Rio de Janeiro: Imago.
- Santiago, Salviano (1989). *A permanência do discurso da tradição no modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sokal, Alan & Brickmont, Jean (1999). *Imposturas Intelectuais: O abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos*. Rio de Janeiro: Record.
- Souza, Okky de & Zakabi, Rosana (2004). Os donos de si. *Revista Veja*, São Paulo, n.º 34, ago. p. 67-71.
- Suasuna, Ariano (2000). Biologia e cultura. *Revista Bravo*, São Paulo, n.º 33, jun. p.36-37.
- Tufano, Douglas (1998). *Estudos de língua e literatura*. 5.ed. São Paulo: Moderna, 1998. 257p.
- Vattimo, Gianni (1989). *A sociedade transparente*. Lisboa: edições.